

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA ADOLESCÊNCIA

Sandra Maria Alves De Araújo*

RESUMO

Para um melhor entendimento sobre os possíveis fatores associados a sexualidade e ISTs na adolescência nessa faixa etária e necessário compreender a complexidade desses fatores, que torna os adolescentes especialmente vulneráveis a essa situação. O objetivo desse trabalho foi entender melhor as causas desse problema através da revisão de bibliográfica realizada com artigos publicados nas bases de dados MEDLINE, LILACS e Scielo, assim como também baseada no pensamento de alguns autores que embasaram a pesquisa. Realizou-se uma, visando o levantamento bibliográfico das publicações que envolviam o tema em estudo, tendo como base trabalhos disponíveis em idioma português, publicados nos últimos 5 anos, considerando que trabalhos mais recentes fortalecem a pesquisa. Os resultados e discussão foram com base na leitura dos artigos selecionados de acordo com título, autor/ano de publicação, tipo de estudo e objetivos por meios dos descritores “adolescentes”, “educação”, “saúde” e “IST”. Dessa forma foi possível concluir que, através da análise dos dados encontrados na revisão da literatura dos artigos selecionados, as estratégias de educação em saúde realizadas com adolescentes podem contribuir significativamente para conscientização destes no que se refere à sexualidade e prevenção das IST, utilizando-se dos meios de informação e conscientização desses adolescentes na prevenção dessas doenças.

Palavras-chave: Adolescentes. Educação em Saúde. Informação. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

* Licenciatura em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE; sandramariaalvesdearaujo03@gmail.com

Artigo apresentado à Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do Título de |Especialista em Saude da Família, sob orientação da Profª Ms. Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saude pela UECE- Ana Maria Martins Pereira, Orós,2020.

ABSTRACT

For a better understanding of the possible factors associated with sexuality and STIs in adolescence in this age group, it is necessary to understand the complexity of these factors, which makes adolescents especially vulnerable to this situation. The objective of this work was to better understand the causes of this problem through the bibliographic review performed with articles published in the MEDLINE, LILACS and Scielo databases, as well as based on the thoughts of some authors who supported the research. One was carried out, aiming at the bibliographic survey of publications that involved the subject under study, based on works available in Portuguese, published in the last 5 years, considering that more recent works strengthen the research. The results and discussion were based on the reading of the selected articles according to title, author / year of publication, type of study and objectives by means of the descriptors "adolescents", "education", "health" and "STI". Thus, it was possible to conclude that, through the analysis of the data found in the literature review of the selected articles, health education strategies carried out with adolescents can contribute significantly to their awareness regarding sexuality and prevention of STIs, using the means of information and awareness of these adolescents in the prevention of these diseases.

Keywords: Adolescents. Health Education. Information. Sexually Transmitted Infections.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado da pesquisa sobre o comportamento dos adolescentes diante de assuntos relacionados à sexualidade, baseada na revisão da literatura, abordando assuntos referentes às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's).

A contaminação por IST's entre adolescentes tem crescido nos últimos anos devido a uma série de fatores, principalmente pela falta de conhecimento acerca do assunto, denotado por alguns princípios, onde o principal deles é a dificuldade dos pais em manter uma conversa aberta com os filhos sobre sexualidade e suas peculiaridades, bem como as consequências graves de se manter uma vida sexual sem os devidos cuidados. Outro princípio que contribui para o contágio por IST's é a falta de informação no âmbito escolar, assim como também o uso de drogas e bebidas alcoólicas constituem fator de risco para contaminação por IST's. As escolas não estão preparadas para orientar os adolescentes a terem uma vida sexual saudável. (LOPES, 2013).

Em 2014, foram divulgados dados do Boletim Epidemiológico sobre HIV/AIDS, que mostraram que a população jovem de 15 a 24 anos apresentou um crescente aumento de contaminação pelo vírus HIV nos últimos dez anos (BRASIL, 2014).

Os jovens estão descobrindo a sexualidade cada vez mais cedo, essa liberdade sexual é dotada de medos, muitos deles causados pela falta de conhecimento sobre o assunto. Assim, na busca pelo prazer sexual prematuro e sem prevenção, é que as infecções sexualmente transmissíveis surgem de maneira devastadora. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), a cada ano estima-se que 500 milhões de pessoas adquirem uma das IST's curáveis (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase). Da mesma forma, calcula-se que 530 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus do herpes genital (HSV-2, do inglês Herpes Simplex Vírus tipo 2) e que mais de 290 milhões de mulheres estejam infectadas pelo HPV (BRASIL, 2014).

Segundo o Ministério da Saúde (2006), os principais sinais das IST's são lesões, corrimentos e verrugas. As lesões aparecem nos órgãos genitais ou em qualquer parte do corpo podendo ser dolorosas ou não. O corrimento aparece no homem ou na mulher no canal da uretra, vagina ou ânus, e podem ser

esbranquiçadas, amareladas ou esverdeadas, apresentando em alguns casos odor. Nas mulheres só é detectado através de exames ginecológicos. As verrugas são como erupções, podem ser semelhantes a uma couve-flor quando a doença está em estágio avançado. Em geral não são dolorosas, mas podem causar irritação.

A escolha do tema para esse público deu-se pelo fato da adolescência ser um período marcado por transformações na vida do ser humano, devido a transição resultante da passagem da infância para vida adulta, onde acontece a aquisição de novos conhecimentos, comportamentos e experiências.

Os adolescentes são os principais alvos das IST's, pelo fato de não terem maturidade suficiente para saber que é essencial o uso do preservativo. Pois a transmissão dessas doenças ocorre em sua maioria por meio do ato sexual sem o uso de preservativos.

Nessa perspectiva, além das orientações no convívio familiar, são necessárias estratégias interdisciplinares da equipe de saúde da família com a escola. Essa parceria se dá através do PSE (Programa Saúde na Escola), que tem como objetivo desenvolver estratégias de educação e promoção em saúde voltadas para essa parcela da população.

Sendo essa parceria de fundamental importância, os profissionais de saúde, sobretudo o enfermeiro, torna-se o agente multiplicador, cabe a ele o papel de desenvolver estratégias para envolver os adolescentes, utilizando-se de todos os recursos disponíveis como palestras, debates, panfletos, exposição de materiais concretos de forma contextualizada para que eles possam não apenas ouvir, mas compreender a importância da abordagem.

A adolescência é um período de vulnerabilidade, devido ser uma fase da vida em que os conflitos são do âmbito social, psicológico e físico, é nessa fase que grande maioria das pessoas descobrem o prazer. Assim sendo, torna-se necessária ações de educação em saúde que orientem os adolescentes sobre os riscos de contaminação por DST's. Diante dessa realidade, optou-se por fazer uma revisão bibliográfica sobre a percepção dos adolescentes sobre IST's.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Cunha (2011), entre adolescentes vêm aumentando os casos de DST's em todo o mundo e, acredita-se que os números divulgados estejam bem

abaixo dos valores estimados, tendo em vista que apenas a AIDS e Sífilis são de notificação compulsória.

Para controlar a disseminação das DST's, é necessária uma mudança no comportamento dos indivíduos e que, provavelmente, as atuais intervenções mostram-se insuficientes ou não influenciam o público, com isso deve ser feito um estudo relacionado às melhores formas de aprendizagem. Nesse contexto são necessárias parcerias para intensificar as abordagens sobre o assunto, uma vez que se trata de um assunto complexo (JUNIOR *ET AL.*, 2018, p. 40).

Segundo Cunha (2011), os programas disciplinares que envolvem sexualidade nas escolas geralmente discutem o tema de maneira mais ampla com pouco espaço para os alunos tirarem dúvidas. Assim, faz-se necessário que o assunto seja contemplado de forma interdisciplinar, por profissionais da área da saúde. O autor conclui que a participação dos jovens em oficinas de educação sexual, bem como a realização de consultas médicas periódicas, possibilita um espaço para conversa com outros profissionais e viabiliza informações mais elaboradas para prevenção das DST's.

Segundo uma pesquisa realizada em 2012 pela empresa "Durex Global Sex Survey", no Brasil, os jovens perdem a virgindade aos 13 anos, em média. A sexualidade precoce deixa o jovem mais exposto a diferentes riscos como gravidez indesejada e DST's, destaque para a AIDS. Uma pesquisa de 2008 feita pelo Ministério da Saúde mostrou que apenas 61% das pessoas com idade entre 15 e 24 anos fizeram uso do preservativo na primeira relação sexual. A camisinha só é utilizada de forma correta por cerca de um terço da população jovem (D'ELBOOX, 2015).

Segundo dados do Ministério da Saúde (2014):

A cada hora, cerca de 30 adolescentes de 15 a 19 anos foram infectados pelo HIV em 2017 no mundo. Desses, dois terços eram meninas. No Brasil, os efeitos mais graves da epidemia de AIDS recaem sobre os adolescentes. Entre 2004 e 2015, o número de novos casos entre meninos e meninas de 15 a 19 anos aumentou 53% (BRASIL, 2014, p. 1).

Entre as inúmeras DST's, a gonorreia, a sífilis, a tricomoníase, o cancroide, o herpes genital, as verrugas genitais, HPV, as infecções por clamídia, pelo vírus da hepatite B e pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) são as de maior importância clínica (CASTRO *et al.*, 2016).

Segundo o Ministério da Saúde, a vacinação protege contra quatro (4) tipos de HPV (6, 11, 16 e 18) com eficácia de mais de 98,8%; os tipos 16 e 18 respondem por 70% dos casos de câncer de colo de útero e representam 95% dos casos de câncer no País (BRASIL, 2014).

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), após o início da atividade sexual a possibilidade de contato com o HPV aumenta progressivamente: 25% das adolescentes apresentam infecção pelo HPV durante o primeiro ano após iniciação sexual e três anos depois esse percentual sobe para 70% (BRASIL, 2015).

A presença destas DST's eleva a proporção do risco de contágio pelo HIV. Esta interação poderia explicar 40% ou mais dos casos de transmissão deste vírus, inclusive na população dos 15 aos 24 anos (PADILHA *ET AL.*, 2015; CASTRO *ET AL.*, 2016).

Para Stella *et al.* (2019), a literatura científica mostra que as doenças sexualmente transmissíveis são prevalentes na adolescência e facilitadoras da contaminação pelo HIV. A baixa idade das primeiras relações sexuais, a variabilidade de parceiros, o não uso de preservativos e o uso de drogas ilícitas são apontados como fatores que acarretam a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

Segundo Oliveira-Campos *et al.* (2014), mesmo com a divulgação na mídia e informação, os adolescentes e jovens ainda possuem dúvidas sobre a prevenção da transmissão das IST's e certa resistência ao uso do preservativo, tornando-se vulneráveis e aumentando as incidências da doença.

A escola tem papel fundamental em auxiliar na detecção de práticas que tornem o adolescente vulnerável, e participar diretamente na elaboração das ações educativas que visem à promoção da saúde na escola. As atividades educativas em saúde devem ser estruturadas de acordo com o contexto sociocultural vivenciado pelo adolescente, a fim de potencializar seu êxito. Tais estratégias podem ocorrer sob a forma de palestras, oficinas, rodas de conversa, diálogos, entre outras atividades que permitam ao adolescente trocar experiências e esclarecer as suas dúvidas (CARVALHO; PINTO; SANTOS, 2018, p. 15).

Rodrigues *et al.* (2014) argumentam que essas ações educativas podem desmistificar algumas crenças e valores que têm em torno desses temas. Mas para isso, faz-se necessário um envolvimento entre profissionais de saúde, educadores, familiares e comunidade.

Segundo Silva e Carvalho (2016), o adolescente nem sempre é visto como um indivíduo pertencente a um universo próprio e que merece receber uma assistência voltada para suas necessidades que são diferenciadas do adulto e da criança. Portanto, faz-se necessária a parceria entre escola, família e profissionais da saúde na tentativa de facilitar essa tarefa educativa.

De acordo com Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), as doenças sexualmente transmissíveis representam um sério problema na saúde reprodutiva dos adolescentes, porque podem causar esterilidade, doença inflamatória pélvica, câncer de colo uterino, gravidez ectópica, infecções puerperais e recém-nascidos com baixo peso, além disso, os portadores da imunodeficiência adquirida podem apresentar problemas psicológicos e sociais, daí a importância do trabalho de conscientização desses adolescentes para uma vida sexual segura.

O PSE tem o objetivo de promover a saúde integral de crianças, adolescentes e os jovens da escola pública, uma vez que viabiliza a integração da escola com a unidade básica de saúde, intensificando a atenção primária à saúde, dentro do ambiente escolar, visto como um espaço promissor para disseminação de informações que contribuirão para vida sexual saudável. Em outras palavras, o PSE sugere uma articulação intersetorial entre o Sistema Único de Saúde (SUS) e a rede de educação pública, tendo como objetivo de melhorar as condições de saúde dos jovens e suas famílias (SILVA; CARVALHO, 2016).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um artigo reflexivo. Para o estudo foi necessário realizar uma revisão de literatura, que é um método de pesquisa amplo, que permite a inclusão simultânea de pesquisas experimentais e não experimentais, combinando dados da literatura teorizada e empírica. Ainda incorpora ampla gama de propósito como definir conceitos, rever evidências empíricas ou teóricas e analisar questões de um determinado assunto (LIMA ET AL., 2014).

É necessário levantar questionamentos para nortear a pesquisa como por exemplo: de que forma e com que frequência são abordados assuntos relacionados à sexualidade e IST's com adolescentes?

Para realizar a pesquisa, utilizou-se os seguintes descritores, com associações, aplicando-se: “adolescentes”, “educação”, “infecções sexualmente

transmissíveis”, “saúde”. A busca pelos estudos primários foi realizada através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que possui base de dados bibliográficos produzidos pela rede BVS: Sistema Online de Busca Análise de Literatura Médica (MEDLINE), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO).

As pesquisas foram realizadas no mês de outubro de 2019. Para seleção dos artigos, foram utilizados critérios de inclusão e exclusão, os quais permitiram esquematizar as principais informações sobre o conhecimento dos adolescentes em relação às IST's, além das características dos artigos como título, autor, ano de publicação dos artigos e objetivos.

Os critérios de inclusão para o estudo foram: idioma português, texto completo disponível, artigos publicados nos últimos 5 anos, considerando que trabalhos mais recentes fortalecem a pesquisa e excluídos os que não corresponderam a temática da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos descritores “adolescentes”, “educação”, “saúde” e “IST” e do booleano “and” foram encontradas 320 publicações, limitando-se para os títulos em português 165 estudos; limitando-se para textos completos disponíveis 55 foram selecionados, desses 33 eram artigos e 26 publicados nos últimos 5 anos (2016, 2017, 2018).

Após a leitura dos títulos e resumos foram excluídos 10 artigos pelo fato de estarem repetidos, 06 por não estarem de acordo com o tipo de estudo e 03 por não corresponderem à questão-problema da pesquisa. Assim restaram 07 artigos que foram lidos, analisados e apresentados no quadro a seguir.

Quadro 1: Descrição dos artigos conforme título, autor, ano, tipo de estudo e objetivos.

Título	Autor/ ano de publicação	Tipo de estudo	Objetivos
Abordagem das Doenças Sexualmente Transmissíveis na Adolescência.	Angelita B. <i>et al.</i> (2016).	Revisão de literatura.	Identificar através da revisão literária publicações de 2014 e 2015 com informações atualizadas a

			respeito do tema DST.
Sexualidade na Adolescência.	Marta Regina K. <i>et al.</i> (2016).	Revisão crítica da literatura.	Realizar um levantamento sobre a sexualidade na adolescência em suas diversas dimensões, relatando a importância da integração entre os serviços de saúde e escola, pais e adolescentes na construção de políticas públicas que assegurem os direitos de saúde sexual e reprodutiva, considerando a realidade de cada jovem.
Prevalência e Fatores de Risco Para HIV/AIDS em Populações Vulneráveis.	Juliana P. S. <i>et al.</i> (2017).	Revisão integrativa de literatura.	Identificar a produção científica existente, divulgada online, acerca da prevalência e fatores de risco para o HIV/AIDS em populações vulneráveis.
Conhecimento de Adolescentes Relacionados às Doenças Sexualmente Transmissíveis e Gravidez.	Rebeca A. A. S. A. <i>et al.</i> (2017).	Pesquisa de campo descritiva de abordagem qualitativa.	Investigar o conhecimento de adolescentes relacionado às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), AIDS e gravidez, além de

			conhecer a compreensão sobre o papel da escola na educação sexual.
O enfermeiro na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis em Adolescentes.	Elizayne S. <i>et al.</i> (2017).	Estudo descritivo de revisão bibliográfica.	Descrever a importância do enfermeiro assistencial, como educador social para a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis entre os adolescentes.
Vulnerabilidade de Adolescentes às Doenças Sexualmente Transmissíveis na Atenção Primária.	Patrícia S.O. <i>et al.</i> (2018).	Revisão integrativa de abordagem qualitativa.	Identificar as situações de vulnerabilidade em que os adolescentes se encontram em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis na atenção primária à saúde.
Adolescência: gênero e sexualidade.	Alice Mayra S. A. <i>et al.</i> (2017).	Revisão integrativa de literatura.	Discutir sobre as influências das questões de gênero na construção da sexualidade na adolescência.

Fonte: Autoria própria (2019).

Na análise dos artigos pode-se observar quanto ao ano de publicação que nos últimos 05 anos, 2017 foi o ano em que houve mais publicações referentes ao tema pesquisado, onde foram encontrados 04 artigos, seguido de 2016, com 02 artigos. No ano de 2015, apenas uma publicação foi encontrada.

Através da leitura completa dos artigos, constatou-se de fato que as publicações estavam de acordo com a temática em questão. Com relação à temática desenvolvida nos estudos de revisão literária, de acordo com os descritores

utilizados nas pesquisas, constatou-se que os jovens não são preparados para vivenciar a sexualidade de maneira segura. Com isso, o risco de vulnerabilidade aumenta, tornando-se necessárias atitudes integradas de pais e setores da educação e saúde, sendo uma parceria oportuna para alcançar os jovens em maior proporção.

Com base nas informações adquiridas após a leitura e análise dos artigos selecionados, pode-se perceber que o nível de conhecimento dos adolescentes está bem abaixo do esperado, aliás conhecimento da existência das infecções sexualmente transmissíveis eles possuem, o que eles não têm é a consciência da gravidade dessas doenças. Por isso, quando se fala no uso de preservativos muitos revelam não usar mesmo tendo conhecimento dos riscos a que estão expostos. Diante do exposto, podemos perceber que nem sempre o uso do preservativo está associado à falta de conhecimento dos adolescentes e sim à falta de conscientização (MORAIS; VITALLE, 2012).

Os artigos ressaltam o direito do adolescente ao atendimento individual no serviço de saúde, assim como receber informações sobre o uso de contraceptivos. No entanto, esses direitos não excluem a responsabilidade da família nesse processo, pelo contrário, as famílias devem estabelecer participação constante na vida dos filhos, especialmente no que se refere ao aconselhamento sexual reprodutivo. No que se refere à atuação da equipe saúde da família na prevenção das IST's, de acordo com os artigos estudados, ressalta-se as parcerias intersetoriais com a escola, a família e a comunidade, sendo esses parceiros essenciais na prevenção das IST's na adolescência, sendo trabalhado esse tema de forma geral, ao mesmo tempo respeitando as necessidades individuais de cada um (SOARES *ET AL.*, 2015).

No entanto, de acordo com os artigos selecionados, o cuidado ao adolescente na atenção básica ainda não apresenta os resultados esperados, pois as atividades desenvolvidas ainda não suprem as necessidades dos sujeitos em sua totalidade. Os profissionais devem ser capacitados e devem apoiar e servir como guias para que a gestão promova ações em consonância com os adolescentes, tornando-os parte ativa do planejamento e ampliando seu conceito sobre saúde (RODRIGUES *ET AL.*, 2014).

Nesse contexto, pode-se afirmar que a prevenção por meio da educação em saúde é o principal veículo para evitar novas contaminações por IST's. Assim

como a importância de intervenções planejadas abordando o assunto de forma contextualizada, envolvendo profissionais da saúde, da educação, a família e a sociedade como um todo nesse processo, como forma de conscientizar para prevenção das IST's e a promoção da saúde efetiva do adolescente.

De acordo com os artigos analisados, no que se refere à formação dos adolescentes sobre assuntos relacionados à sexualidade, em muitos casos, os profissionais da educação e os pais, como participantes desse processo, não têm conhecimento ou não estão preparados para orientar para prevenção das IST's, devido ser um assunto complexo que demanda conhecimento específico. Dessa forma, os profissionais da educação, assim como os pais, devem buscar informações que possam dar suporte na prevenção dessas doenças e promoção da saúde dos adolescentes (MOIZÉS; BUENOLL, 2010).

Nesse sentido, os artigos enfatizam a abordagem escolar dos adolescentes, enfatizando a educação sexual na escola, fazendo com que eles repensem suas atitudes frente às atividades sexuais desprotegidas e ao risco que eles estão expostos (SOARES *ET AL.*, 2015).

De acordo com Carneiro *et al.* (2015), a adolescência é uma fase em que o indivíduo quer viver com intensidade, assim não está preparado para assumir as consequências causadas por uma IST ou gravidez indesejada, que podem mudar radicalmente a sua vida, trazendo transtorno irreversíveis.

Os adolescentes constituem uma parcela da sociedade que necessita de atenção especial, pelo fato de não terem um acompanhamento efetivo no momento adequado e iniciarem a vida sexual muito cedo. O que vem acontecendo com mais frequência entre eles, pelo fato de apresentarem nível de conhecimento restrito sobre o assunto, é contrair infecções sexualmente transmissíveis. Esse conhecimento é necessário para evitar o risco de contaminação, considerando a falta de proteção efetiva (JARDIM *ET AL.*, 2013).

Constatou-se então que as ações efetivas com adolescentes podem contribuir para prevenir danos futuros, não só aos adolescentes, mas voltada para a sociedade na qual estes estão inseridos, uma vez que a própria sociedade também necessita ter conhecimento sobre o assunto para que as ações sejam efetivas.

A organização dos serviços de saúde também constitui um fator relevante para garantia do acesso dos adolescentes às ações de promoção da saúde, de prevenção e de agravos de doenças. Para isso é necessário que a equipe de saúde

esteja devidamente preparada para receber o adolescente e orientar sobre os cuidados necessários para uma vida sexual saudável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da revisão literária dos artigos selecionados, obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão, foi possível constatar que promover a educação em saúde sexual do adolescente é uma área desafiadora e ao mesmo tempo de grande importância para o desenvolvimento social desses indivíduos, uma vez que a adolescência é o período de formação da identidade social, por isso exige uma atenção especial por parte dos profissionais da educação, da saúde e essencialmente da família. O Programa Saúde na Escola (PSE) constitui uma estratégia de saúde na escola, com base na parceria entre profissionais da saúde, família e escola. Essa parceria torna-se essencial para construção de ações voltadas para promoção da saúde sexual do adolescente.

Após a análise dos dados encontrados na literatura foi possível concluir que as estratégias de educação em saúde realizadas com adolescentes podem contribuir significativamente para conscientização destes no que se refere à sexualidade e prevenção das IST's, uma vez que o conhecimento da existência dos métodos de prevenção eles têm, o que falta de fato é conscientizá-los quanto à importância do uso do preservativo nas relações sexuais. No entanto, alguns autores ainda ressaltam que esse assunto merece mais destaque, visto isso pela quantidade de adolescentes que cada vez mais estão se contaminando pelas IST's, também pelo fato de que os jovens estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo, tornando-se mais vulneráveis às doenças, por isso devem ser enfatizadas estas informações, visando diminuir o número de jovens contaminados por IST's.

As metodologias participativas são de fundamental importância para o desenvolvimento de ações de promoção de educação sexual, baseadas no diálogo entre os profissionais da educação, da saúde, família e adolescentes.

Diante do exposto, é possível concluir que a pesquisa realizada foi de grande importância social, pois garante um desenvolvimento crítico reflexivo sobre o assunto explanado e a construção de um conhecimento mais elaborado. Dessa forma, destaca-se a relevância de desenvolver pesquisas voltadas para a educação em saúde sexual do adolescente, fomentando a busca por novas metodologias,

aliadas às existentes, como forma de reforçar o conhecimento desses adolescentes e conscientizá-los sobre a importância do autocuidado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portal Brasil**: Vacinação contra o HPV começa nesta segunda-feira (10). 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2014/03/vacinacao-contra-hpv-comeca-nestasegunda-feira-10>>. Acesso em 21 out. 2019.

_____. Instituto Nacional de Câncer - INCA. **Estimativa 2016**. Incidência de Câncer no Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/bvscontrolecancer/publicacoes/edicao/Estimativa_2016.pdf>. Acesso em 19 out. 2019.

_____. Ministerio da saude: manual do bolso. **Doenças sexualmente transmissíveis(DST)**. 2006. Disponive em: <bvms.saude.gov.br>. Acesso em 19 out.2019

CARNEIRO, R. F et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **Sanare Sobral**. V. 14, n. 1. Sobral-CE, 2015.

CARVALHO, O.; PINTO, R. G. S.; SANTOS, M. S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Adolesce e Saúde**. V. 15, n. 1. Rio de Janeiro, 2018.

CASTRO, E. L. *ET AL*. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciências & Saúde Coletiva**. V.21, n.6, p.1875-1984, 2016.

CUNHA, M. **DST na adolescência**: a maior arma é a informação. 2011. Disponível em: <<http://www.isaudebahia.com.br/noticias/detalhes/noticia/dst-na-adolescencia-a-maior-arma-e-a-informacao/>>. Acesso em 22 de out. 2019.

D´ELBOUX, Y. **Jovens começam vida sexual cada vez mais cedo**: veja como agir. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/gravidez-efilhos/noticias/redacao/2015/05/19/jovens-comecam-vida-sexual-cada-vez-mais-cedo-vejacomo-agir.htm>>. Acesso em 22 de out. 2019.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: Impasses e Desafios. **HOLOS**. V.5, n. 1. Rio Grande do Norte, 2013.

JARDIM, F. A. *ET AL*. Doenças sexualmente transmissíveis: A percepção dos adolescentes de uma escola pública. **Cogitare Enferm**. V. 18, n. 4. Diamantina-MG, 2013.

JUNIOR, A. F. *ET AL*. Intervenção e pesquisa sobre o conhecimento. Minas Gerais: **Rev. Med**. V. 28. N. 4. Minas Gerais, 2018.

LIMA, P. V. *ET AL.* Saúde do adolescente-Conceito e Percepção: Revisão Integrativa. **Revista de Enfermagem**. V. 8, n. 1. Recife-PE, 2014.

Lopes, I. D. **DTs-Sexualidade na Adoescencia:** meios de prevenção. Disponível em: <ufmg.br/biblioteca/imagem/6358.pdf>. Acesso em 21 de out. 2019.

MORAIS, S. P.; VITALLE, M. S. S. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Revista da Associação Médica Brasileira**. V.58 n.1 São Paulo, 2012.

Moizés, J. S., & Bueno, S. M (2010). Compreensão sobre sexualidade e sexo na escola segundo professores do ensino fundamental. **Revista da escola de enfermagem da USP**. Disponível em: <<http://www.scieo.br.php?script=sciarttex&pid=s008062342010000100029>>. Acesso 20 out. 2019.

OLIVEIRA-CAMPOS. M. *ET AL.* Sexual behavior among brazilian adolescents, national adolescent school-based health survey (PeNSE 2012). **Rev bras epidemiol**. V. 17, n. 1. São Paulo, 2014.

PADILHA, A. P. *ET AL.* O conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Revista eletrônica Gestão & Saúde**. V. 6, supl.3. São Paulo, 2015.

RODRIGUES, M.O. *ET AL.* Conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis. **Rev. Enferm. Cent. O Min**. V. 4, n. 3. Minas Gerais, 2014.

SILVA, D. A.; CARVALHO, F. S. Percepções de adolescentes sobre práticas de cuidado com a saúde. **Adolescente e Saúde**. V. 13, n. 1. Rio de Janeiro, 2016.

SOARES, T. M. S. *ET AL.* Educação sexual para adolescentes: Aliança entre escola e Enfermagem/Saúde. **Rev Espaço para Saúde**. V. 16, n. 3. Curitiba-PR, 2015.

STELLA, R. T.; VILHENA, M. M. de; PAULA, M. C. de. **Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência:** estudo sobre fatores de risco. Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/596/doencas-sexualmente-transmissiveis-na-adolescencia-estudo.php>>. Acesso em 21 out. 2019.